

*Livros cosidos, com folhas não aparadas,
como no passado. A coleção liga-se
assim à História do Livro
e associa-lhe uma vantagem ecológica,
evitando o desperdício de papel.*

A CATASTROFE

Seguido de

**UM DIA
DE CHUVA
CIVILIZAÇÃO**

Eça de Queirós

lúmens

Índice

- 07 A Catástrofe
- 27 Um Dia de Chuva
- 63 Civilização

A Catástrofe

Eu moro à esquina do largo do Pelourinho justamente defronte do Arsenal. Já antes da guerra, e dos nossos desastres, eu ali vivia no segundo andar à direita; nunca gostei do sítio: sem ser bucólico, a minha ambição foi sempre viver longe destes arruamentos tristes da Baixa, num bairro de mais ar e de mais horizonte, com um quintal, árvores, uma frescura de folhagem e alguns metros de terra, onde poderia rumorejar em árvores, ter roseiras, e acolher pássaros, nas tardes de Verão. Mas quando herdei de minha tia Petronilha, comprei este prédio, defronte do Arsenal: são, por causa das lojas e dos armazéns, nos térreos [?], casas de maior renda, que as dos outros bairros; como emprego de capital, um prédio na Baixa é melhor que uma casa bonita, para Buenos Aires, ou para o bairro das Janelas Verdes. Foi pelo menos o conselho que me deram proprietários experientes.

De resto eu tinha tenção de alugar o prédio, e ir habitar com a Maria [?], e com meu irmão uma casinha pequena, alegre e fresca, que eu tinha apetecido para os lados do Vale

de Pereiro. Mas quando vieram as nossas desgraças, e o exército inimigo ocupou Lisboa, as necessidades de economia em tempos tão difíceis forçaram a abandonar esse plano de ir viver para o campo — e aqui estou neste triste segundo andar do largo do Pelourinho defronte do Arsenal. Em má hora vim eu parar aqui. Porque creio que esta vizinhança do Arsenal tem feito sentir, com uma intensidade maior, todas as amarguras da invasão: os que vivem por exemplo para Buenos Aires, para as Janelas Verdes, para Vale de Pereiro, sofrem decerto dolorosamente da presença dum exército estrangeiro em Lisboa: ainda que o primeiro terror passou, que a cidade vai retomando pouco a pouco a sua fisionomia ordinária, que circulam as tipóias e os tramways, pesa todavia o que quer que seja sobre a cidade, o ar está carregado de alguma coisa de subtil e opressivo como uma atmosfera intolerável, que circula nas praças, penetra nas casas, muda o gosto à água, e faz parecer o gás escuro, e deposita na alma como uma tristeza contínua e secante [?]: quando às vezes, mesmo, uma pessoa sai e, ocupada nalgum negócio, distraída por ele, se esquece do grande desastre que nos envolve, basta a uma esquina, a presença dum uniforme inimigo para fazer, imediatamente, recair na alma, com um peso de penedo, a ideia da derrota, e do fim da pátria. Não sei o que é: mas por exemplo, desde que no alto de algum edifício flutua a bandeira estrangeira, parece que este azul, já não é do nosso clima,

é alguma coisa duma bruma londrina. Mas enfim noutras casas, noutros bairros, pode a gente isolar-se em casa, para se subtrair a esta desolação ambiente. Já que não há pátria, há família; fecham-se as portas, reúnem-se todos na sala, em volta do candeeiro doméstico, conversa-se; a recordação das desgraças, oferece como um alívio pungente; a perspectiva das esperanças ilude como uma felicidade passageira; lembram-se os amigos, os conhecidos que morreram bravamente em batalhas; às vezes a recordação dum feito heróico dá como a sensação da honra conservada; depois, faz-se em redor do candeeiro, baixo, numa palpitação de todo o nosso ser, uma pequena conspiraçãozinha em família... E o sonho da desforra faz suportar a realidade da catástrofe. Mas a mim nem me é dado este isolamento; porque a não ser que feche as janelas, que me enterre numa treva constante, que viva à luz do gás, quando o sol de Julho faísca lá fora — não posso deixar de ver diante de mim, como um memento odioso, à porta do Arsenal, a sentinela estrangeira, pisando a terra da pátria... E é justamente esta sentinela que me indigna: decerto outros uniformes estrangeiros, todos esses oficiais dos couraçados, que estão no ancoradouro, passam a toda a hora, na insolência brilhante de seus uniformes espectaculares. Pois bem isso não me irrita... Há naquele vaivém de oficiais, alguma coisa de apressado, de inquieto, que me dá ideia duma ocupação transitória, de esquadras que vão levantar

ferro, de humilhações que vão partir para sempre. Mas aquela sentinela, eterna, que me parece sempre a mesma, tem um ar de imutabilidade, de perpetuidade, que me faz o coração negro: cada passada que ele dá, com a sua dura sola, cai-me, com um eco lúgubre, na alma: e no seu monótono passeio, de guarita a guarita, dá-me a sensação de que nunca cessará de haver, sobre a terra portuguesa, uma sentinela estrangeira. E não me posso arrancar a este espectáculo! Pela manhã, ao fazer a barba, fico, [...] de navalha [?] no ar, a face coberta de flocos de espuma, espantado, para o pequeno soldado, que parece entrouxado num capotão azul com o bonet de couro envernizado e a arma ao ombro — uma daquelas armas que alcançavam o dobro das nossas, e que massacravam de longe, na linha de defesa, regimentos inteiros! De modo que agora já conheço quase todas as sentinelas do Arsenal. Durante alguns dias foram soldados da marinha — mas agora são sempre do 15 de linha: há sobretudo um tipo de soldado que me indigna, é o rapagão robusto, sólido, bem plantado sobre as pernas, de cara decidida, e olho reluzente. Digo sempre: foi este que nos venceu; e não sei por que, lembrando-me do nosso próprio soldado, bisonho, sujo, encolhido, enfadado, enfezado do mau ar dos quartéis e da insalubridade dos ranchos, — vejo nessa superioridade de tipo e de raça toda a explicação da catástrofe. Antigamente, antes da invasão, raras vezes me lembro de ter olhado a sentinela do Arsenal;

mas lembro-me de a ter visto, por acaso, ao chegar à janela; se chovia era certo vê-la, encolhida na guarita, fixando um olho apagado e triste sob o caudal de água; se fazia calma, era todo o seu andar, o seu derreado de ombros, a moleza lenta do passo, era uma expressão contínua e evidente de tédio e de fadiga; depois, ao fim dumas duas horas de serviço, era todo um derreamento, um embrutecimento, uma maneira torpe de fixar tudo: os bois, os americanos, a varina apregoando peixe, os vendilhões, da tenda defronte, que tornavam visível a falta de nervos, de vigor, de fixidez disciplinada, de firmeza, de persistência. E desta visão do soldado parece-me então alargar-se, e abranger toda a cidade, todo o país: foi esta sonolência lúgubre, este tédio, esta falta de decisão, de energia, esta indiferença cínica, este relaxamento da energia e da vontade, creio que nos perderam... Às vezes, soam-me ao ouvido as acusações tantas vezes repetidas do tempo da luta: não tínhamos nem exército, nem quadros, nem artilharia, nem defesa, nem armas... Qual! o que não tínhamos eram almas... Era isso que estava morto, apagado, adormecido, desnacionalizado, incerto... Ora quando num Estado as almas estão envelhecidas e gastas, — o que resta pouco vale.

Nunca me há-de esquecer a impressão que tive, no dia em que soube, que a guerra nos tinha sido declarada, e que estava reunido um exército, tendo [?] organizado de antemão